

DIVERSIDADE E CULTURA, O CORPO E AS ADEQUAÇÕES NA GINÁSTICA RÍTMICA AMAZONENSE: O ESPORTE QUEBRANDO PARADIGMAS.

Sâmia Silva Maia¹

RESUMO

O esporte se destaca como importante instrumento de troca entre culturas no mundo, levando ao conhecimento as diferenças e agregando valor às culturas que se beneficiam e se moldam com as trocas. Essas culturas também acrescentam valores diferenciados ao esporte como forma de se expandir e se adaptar aos corpos que escolhem ser atletas. No Amazonas a Ginástica Rítmica vem passando por adequações que levaram nossas atletas a aprender com a nova cultura corporal, mas, também colaborou para que o esporte se mostrasse diverso e ao alcance de todos, mesmo quando o padrão estético não corresponde ao que é imposto pela cultura originária, neste caso, a cultura europeia. A mistura de culturas passa a ser o que eleva o esporte a sua mais alta consagração de expansão, onde uma cultura agrega valor e torna a modalidade sempre nova e surpreendente aos olhos de quem avalia sua vertente artística. As diversas formas de mostrar o corpo e os ritmos corporais, elevam as possibilidades de sempre evoluir para buscar mais corpos dispostos a se tornar atletas desta modalidade.

Palavra-chave: Diversidade, corporeidade, Amazonas, Ginástica Rítmica

ABSTRACT

Sport constitutes a significant medium of intercultural exchange, enabling the recognition of differences while enhancing the value of the cultures that engage with and are reshaped by such exchanges. These cultures, in turn, infuse sport with distinct values, fostering its expansion and adaptation to the bodies that choose to become athletes. In the state of Amazonas, Rhythmic Gymnastics has undergone adaptations that have enabled local athletes to engage with a new corporeal culture. Simultaneously, these interactions have contributed to reconfiguring the sport itself, rendering it more inclusive and accessible—even when prevailing aesthetic standards diverge from those imposed by its European origins. The confluence of cultures propels the sport towards its highest manifestation of expansion, wherein one culture enriches the discipline and continually revitalises it in the eyes of those who assess its artistic expression. The multiplicity of corporeal representations and bodily rhythms broadens the potential for continual transformation, thereby inviting a wider diversity of athletes to participate in this discipline.

¹ Técnica e ex-atleta da modalidade de ginástica rítmica, professora de Educação Física, mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Keywords: Diversity; corporeality; Amazonas; Rhythmic Gymnastic

INTRODUÇÃO

Este artigo fundamenta-se na investigação sobre a corporeidade de ginastas amazonenses, que seguiram carreira esportiva e submeteram às adequações do corpo para a prática da Ginástica Rítmica, desde sua chegada como modalidade esportiva em Manaus, até a contemporaneidade. O estudo aborda como as atletas amazonenses desenvolveram consciência de suas diferenças raciais, corporais, culturais, e as estratégias de superação para se igualar ou superar outras atletas, seja na técnica, nas interpretações artísticas, ou no desenvolvimento de processos de adaptação corporal dentro das regras que o esporte impõe a todos como julgamento.

A intenção foi analisar como os corpos considerados fora dos padrões estéticos enfrentaram as exigências impostas pela modalidade, na construção da consciência corporal e suas percepções na corporeidade. Dessa forma, a pesquisa destacou como essas atletas superaram as dificuldades que a modalidade originada na Europa suscitou para as atletas amazonenses, caracterizando como essas ginastas encararam o desafio de desconstruir estereótipos corporais, deixando uma referência de identidade, diversidade e alteridade no esporte.

A compreensão da Amazônia como um cenário multicultural, se faz primordial para o desenrolar da temática, e para a reflexão sobre soluções para os problemas que se entrelaçam na pesquisa. A nossa geografia diferenciada de outras regiões do país, somada aos diferentes ciclos vividos pelo Amazonas, as mudanças na sociedade, na economia, e conseqüentemente na cultura, constituem-se em um conjunto de influências que o esporte teve que se moldar e adaptar. O aporte teórico deste pensamento foi regido sob a ótica de estudiosos como Marilene Correa, Djalma Batista, Artemis Soares, Marcio Souza, Renan Freitas Pinto, e outros que conduziram a busca pelo entendimento das propriedades que nosso território pode impor sobre a temática do esporte amazonense, em caráter especial a Ginástica Rítmica, carregada de eurocentrismo na sua bagagem.

A pesquisa mostra, portanto, que os esportes são mais do que simples jogos; eles são uma parte fundamental do tecido social e cultural das sociedades ao redor do mundo. Eles refletem e moldam as culturas, unificam comunidades e oferecem uma plataforma para avanços em várias áreas. O estudo assume assim fundamental importância para aprofundar discussões

mais efetivas sobre a temática da diversidade e alteridade corporal e quebra de padrões no esporte, como referência para julgamentos futuros, e mudanças que precisam ser avaliadas e reconstruídas visando o crescimento da modalidade.

.O Amazonas e suas características culturais e geográficas

A busca de lugares onde o esporte pode ser ainda mais eficiente na sua prática, é uma constante na vida de atletas. Intercâmbios esportivos, troca de experiências, exploração de novas técnicas e métodos, adaptação ao clima, são estratégias usadas por atletas que visam melhorar sua performance, atingindo seu ápice na competição. Na região norte, o Amazonas, onde está situada a capital Manaus, vivemos uma realidade que dificulta a saída e entrada por meio terrestre, restando a via aérea como meio de transporte mais usado, e por consequência, também o mais caro.

Nosso meio de transporte principal é o rio, onde navegam barcos, navios, canoas e balsas, ligando nossos municípios. Nossas estradas são limitadas a BR-174, que liga Manaus a Boa Vista, e outros lugares dentro deste perímetro, como Mato Grosso, Rondônia, Amazonas e Roraima à Venezuela. Fazendo assim a ligação de Roraima ao restante do país, tornando-a a espinha dorsal do transporte no estado. Foi iniciada no governo militar, porém, só foi concluída em 1998, no governo de Fernando Henrique Cardoso.²

A antiga Transamazônica, também conhecida como BR-319, é uma rodovia que liga Porto Velho (RO) a Manaus (AM), atravessando uma das regiões mais preservadas da Amazônia, porém, somente uma parte dela é trafegável. Ela tem a função de ligar o Amazonas a outros estados brasileiros, levando aproximadamente 4,5 milhões de habitantes da região norte a ter acesso ao centro-sul do país, diminuindo o isolamento desses estados e a uma melhor integração regional.

Por estar localizada dentro de uma região muito rica em biodiversidade, as questões ambientais causam atraso no andamento de seu asfaltamento. É importantíssimo que essas questões sejam priorizadas e o seu processo de recuperação seja implementado com urgência. Na década de 1970, a rodovia foi construída durante o regime militar brasileiro e inaugurada em 1973. No entanto, logo se deteriorou e, até 1988, estava intransitável. Em 2008 iniciou um

² Ele foi o **34º presidente do Brasil**, governando de **1995 a 2002**. Antes da presidência, atuou como **Ministro das Relações Exteriores** e **Ministro da Fazenda**, sendo um dos principais responsáveis pela implementação do **Plano Real**, que estabilizou a economia brasileira.

programa de manutenção na BR-319, que possibilitou uma alternativa aos transportes fluvial e via aérea. Sua pavimentação completa ainda não foi concluída, necessitando de aprovação ambiental para que a floresta seja preservada, e a obra possa ser terminada.

Sob as condições ambientais a rodovia atravessa áreas de floresta tropical densa e ecossistemas sensíveis. O desmatamento e a construção podem causar impactos ambientais significativos, como a perda de biodiversidade e afetar o clima na região. Sendo muito difícil acessar a região, levar até os locais de obras equipamentos torna-se um desafio, ainda se agrava quando chega a estação de chuvas no inverno amazônico. Comunidades indígenas vivem ao longo da estrada, devendo a rota prever esses direitos que cabem a quem já vive na região, dando condições de preservação de terras e de seu modo de vida. Os interesses sobre essa questão geram muitas divergências entre ambientalistas, empresas e governo.

Para o cidadão amazonense, seria de grande importância ter uma forma mais prática e barata de sair para outros lugares. Encontrar um ponto de equilíbrio entre o desenvolvimento econômico e a conservação, é um desafio a ser alcançado e conquistado. A conclusão da BR-319 pode trazer diversos benefícios econômicos para a região e o país. A integração regional fazendo a rodovia conectar o Amazonas e Roraima ao restante do Brasil por via terrestre, facilitando o transporte de mercadorias e pessoas. Isso estimula o comércio e a troca de produtos entre as regiões.

A redução de custos de transporte que na atualidade essa logística de transporte na Amazônia é cara e depende principalmente de barcos e aviões. Com a BR-319, os custos de transporte seriam reduzidos, beneficiando empresas e consumidores. O desenvolvimento de novos negócios também seria mais eficiente com a abertura da rodovia. Isso poderia atrair investimentos em setores como agricultura, pecuária, turismo e mineração e novos empreendimentos poderiam surgir ao longo da rota.

A geração de empregos com a construção e manutenção da BR-319 criaram empregos diretos e indiretos na região, impulsionando a economia local. O acesso a recursos naturais através da rodovia facilitaria a entrada em áreas ricas em recursos naturais, como minérios, madeira e produtos da biodiversidade amazônica. No entanto, é importante equilibrar esses benefícios com a preservação ambiental e o respeito aos direitos das comunidades locais. A conclusão da BR-319 deve ser cuidadosamente planejada para maximizar os ganhos econômicos sem comprometer o meio ambiente e as populações indígenas.

Como contribuição para o pensamento crítico social da Amazônia, Djalma Batista³ em seu livro “O Complexo da Amazônia”, nos deixa um relato de quase 50 anos depois, que faz de suas pesquisas ainda consideradas atuais. Seus relatos sobre a região amazônica, se tornam um documento valioso do pensamento brasileiro sobre a questão regional e as relações entre a região e a nação.

O “choque de culturas”, tanto para o “indígena” quanto para o “branco”, corroborou para mudanças de comportamento, perda de traços culturais para o indígena, transformou sua forma de trabalho, hábitos alimentares, sendo influenciado pelo europeu.

Deu início portanto, ao desequilíbrio ecológico, com a chegada do que era considerado a “civilização”, chegaram as missões religiosas com o objetivo de “pacificar”, “amparar” e “cristianizar” os indígenas, sendo denominado pelo autor como a “tentativa de humanização” das populações locais. Como consequência desse contato o autor nos relata que:

Dois fatos singulares, porém, merecem ser destacados: primeiro- o espírito do índio permanece e sobrevive, nas suas grandes dimensões culturais, o que constitui a meu juízo, a lição maior da luta racial secular; segundo- evidente regressão social e cultural dos silvícolas, após o contato com o branco. (BATISTA, 2007, p.5)

Para o pesquisador, a imagem de atraso da Amazônia em termos socioculturais e econômicos, tornou a região alvo de políticas desenvolvimentistas nas décadas de 1960-70, criando como lema “integrar para não entregar “do governo militar da época. Na opinião de Djalma Batista a integração da Amazônia ao restante do Brasil está relacionada à imagem que o Sul e o Sudeste têm sobre a região. Segundo Batista (2007),

O enquadramento da Amazônia na vida econômica e política do Brasil se transformou, de acordo com o pensamento de Speridião Faissol numa verdadeira esfinge: ou a deciframos ou ela nos devora. E é inegável que o país reagiu favoravelmente ao desafio amazônico, culminando na Operação Amazônia (governo Castelo Branco), continuada no programa de Integração Nacional (governo Garrastazu Médici), e no Programa dos Polos de Desenvolvimento (governo Ernesto Geisel) (Batista, 2007, p. 125).

A ligação com outros estados poderia nos proporcionar maior facilidade de acesso possibilitando a realização de eventos esportivos e competições, atraindo mais atletas e espectadores de diversas regiões. Além disso, facilita o intercâmbio de conhecimento e a

³ Djalma da Cunha Batista foi um **médico, escritor e pesquisador brasileiro**, nascido em **20 de fevereiro de 1916** em Tarauacá, Acre, e falecido em **20 de agosto de 1979** em Manaus, Amazonas. Ele se destacou por suas contribuições à medicina e à pesquisa na Amazônia, tendo sido **diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) de 1959 a 1968**.

realização de programas de treinamento esportivo, beneficiando a formação de novos talentos. Ao analisar o pensamento de Djalma Batista sobre como outras culturas nos enxergam, podemos perceber o quanto e como a Transamazônica contribui diretamente para o "enquadramento da Amazônia na vida econômica e política do Brasil", enfrentando o desafio amazônico e promovendo a integração nacional através da economia, cultura e esporte.

Na opinião do professor Renan Freitas Pinto⁴, em seu livro *Viagens das Ideias*, é citado como indispensável à boa leitura, e considera as análises de Djalma Batista como um daqueles poucos momentos em que a inteligência regional conseguiu realizar um processo de ruptura com as noções correntes e dominantes, criando um padrão de leitura das fontes históricas, consoante Pinto (2008).

É, portanto, um livro capaz de satisfazer diferentes interesses de leitura. O pesquisador em busca de dados diferentes sobre a história do cotidiano do mundo rural e do mundo urbano na Amazônia encontrará informações surpreendentes, como é o caso da pequena história da aviação, e dos caminhos da informação e da comunicação (Pinto, 2008, p. 216).

É importante ressaltar que o autor não atribui o atraso no processo de desenvolvimento da região ao nosso isolamento espacial, nem ao clima, ou a natureza hostil. A ordem desse atraso se deve aos fatores culturais e sociais. A forma como foi ocupada a região, com métodos de exploração predatórios e destrutivos, não apenas no que cabe aos recursos naturais, mas, também e principalmente a diversidade cultural que existia em múltiplas etnias representadas na região, que foram negligenciadas em suas contribuições para a cultura, sendo usadas na mão de obra pelos colonizadores.

O que queremos lembrar é que os elementos que contribuem para a diversidade das sociedades estão constantemente se correspondendo com as diversidades da natureza, mas se desenvolvem predominantemente na esfera das relações culturais, e possuem inevitavelmente uma história, muitas vezes marcada por um conjunto complexo de fatores e circunstâncias (Pinto, 2008, p. 223).

As pontes que ligam o esporte a todos os lugares do planeta são principalmente sustentadas pelas culturas que carregam nos seus veículos, ou seja, os corpos que se deslocam para ir em busca de experiências agregadoras. A troca é inevitável pelo modo como o esporte

⁴ Renan Freitas Pinto, ou **Ernesto Renan Melo de Freitas Pinto**, é um sociólogo, professor e pesquisador brasileiro, nascido em 1943 em Maceió, Alagoas. Ele tem uma trajetória acadêmica marcante, especialmente no estudo da Amazônia, pensamento social e teoria sociológica

se mostra acessível e disposto a fazer os intercâmbios territoriais e culturais. Manter estas pontes vivas é uma tarefa delegada ao esporte como agente de diversidade e equidade, sem perder a identidade que cada cultura carrega na sua bagagem histórica.

Para autores como Saraiva “a globalização apresenta-se assim como um fenômeno muito antigo, que tem vindo a aumentar sua velocidade ao longo do século XX com a evolução dos transportes e das comunicações. A globalização “vem de mãos dadas com o progresso e não depende da nossa vontade” (Saraiva, 2007, p. 270).

Nesta afirmação podemos vislumbrar no futuro mudanças culturais que podem afetar ainda mais, de forma prejudicial, nossa identidade, com possíveis desaparecimentos de costumes e valores culturais, tornando a cultura cada vez mais padronizada e dominada pelos “poderosos”, criadores de padrões.

A cultura está sujeita a fenômenos de transformação, de mudança, de evolução e até de mutação talvez. Contudo, “a cultura é uma entidade extraordinariamente resistente e duradoura”.

(Patrício, 2009, p. 112). Culturas independentes e puras não existem. As tradições resultam de uma mistura confusa de influências múltiplas e (...) alimentam-se de práticas complexas que se vão modificando ao longo do itinerário cronológico que percorrem, através de dinâmicas próprias de processos de readaptação que lhes permite sobreviverem” (Albuquerque; Ferreira; Viegas, 2000, p.5).

O Amazonas sempre apresentou uma construção cultural mutável, ou seja, constituído de mudanças quer no aspecto subjetivo sendo este a noção de si e sentimento de identidade, como no aspecto objetivo sendo a delimitação de território, características físicas da população, organização econômica, estruturação social, arquitetura civilizacional.

A região tem uma riqueza cultural que é realmente fascinante. As mudanças no âmbito subjetivo e objetivo refletem uma adaptabilidade notável ao longo do tempo. No que diz respeito ao aspecto subetivo, a identidade e o sentimento de pertencimento dos amazonenses foram moldados pelas interações com diferentes grupos culturais, desde os indígenas até os imigrantes mais recentes. Isso resultou em uma identidade única e diversa.

No aspecto objetivo, a delimitação de território e as características físicas da população têm sido influenciadas pela geografia e pelo clima da região amazônica. A organização econômica também passou por várias fases, desde a exploração de recursos naturais como a borracha até a busca por um desenvolvimento.

A alteridade expressa e determina a qualidade, estado ou características do outro, ou

seja, aquilo que é diferente daquilo que vivemos. A relação entre o eu e o outro é definida então pelo conceito de alteridade. No conceito antropológico o **eu** só posso ser entendido a partir da interação com o outro. A noção do outro, assim como os hábitos e a dinâmica social adotados pelo grupo social colaboram para o entendimento e assimilação dos mesmos conceitos no eu. Neste contexto, o processo de diferenciação estabelecido entre o eu e o outro é importante para a definição do entendimento do que eu sou, do que o outro é e, portanto, do que não sou. Entende-se a partir daí, as noções que se firmam das diferenças entre o eu e o outro.

É importante ressaltar que o conceito de alteridade não tem intenção de destruir ou diminuir a cultura do outro, apenas observá-la para estabelecer diferenças entre a nossa cultura e construções sociais em relação ao mesmo elemento da cultura do outro. Ainda sobre as características da Amazônia pré-colonial que traz como marca a diversidade de povos, de línguas, de organização societária, e tudo que se refere a cultura de seus primeiros habitantes, a socióloga Silva⁵ (2023) nos afirma que:

A Amazônia indígena pré-colonial que se dava a conhecer aos europeus apresentava-se como portadora de diferenças físicas, culturais, linguísticas, traços ou elementos constitutivos de nacionalidades diversas, que o etnocentrismo civilizado não consegue esconder, nem pode nivelar mediante de simplificações como o fizera no resto do Brasil. O” Mura barbado, o Mundurucu de alta estatura, o Parintintim de uma “fisionomia irrepreensível”, por exemplo fugiam da classificação geral do índio imberbe, baixa estatura,” “nariz chato e beiços grossos” (Silva, M. C. 2023, p.167).

A riqueza cultural é a celebração das diferenças físicas entre os povos e enriquece a cultura, ao destacar a diversidade estética e as distintas formas de expressão cultural, como também, ao reconhecer e valorizar as características únicas de cada grupo, como mencionado no texto, preservamos a história e a identidade dessas comunidades, evitando simplificações prejudiciais. Fazendo da diversidade corporal, longe de ser uma desvantagem, é uma força que contribui significativamente para a riqueza do esporte e da cultura.

O esporte desempenha um papel significativo na aproximação de culturas diferentes e oferece benefícios em várias dimensões, servindo como um agente na reunião de pessoas de diferentes origens, culturas e crenças em um espaço comum. Promove a inclusão social, permitindo interação e aprendizado com outros atletas. Manuel Patrício lembra que as “deslocações e encontros de povos tiveram sempre consequências culturais, provocaram

⁵ Marilene Corrêa da Silva Freitas é uma socióloga e professora brasileira, nascida em Carauari, Amazonas, em 1950. Ela se formou em Serviço Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e posteriormente obteve mestrado e doutorado em Ciências Sociais.

mudanças culturais de um lado e de outro, do lado do que chega e do lado do que está” (Patrício, 2009, p. 112).

Para o esporte, essas mudanças trazem informações importantes de outras culturas, já que, em sua maioria, as modalidades são oriundas de outras nacionalidades, onde prevalecem costumes diferentes dos nossos. Porém, adaptar o esporte como opção de práticas esportivas, e adequar a uma nova cultura para que possa evoluir, também agrega novas sistematizações e formas diferenciadas de ver sua prática ser estudada. Essa reflexão profunda sobre a integração pessoal, a paz em suas diversas dimensões, e a importância de princípios éticos, especificamente no contexto da troca cultural e preservação da cultura no esporte.

A troca cultural ressalta como o esporte serve como um meio para a transferência de valores, práticas e costumes entre diferentes culturas. Essa interação traz enriquecimento mútuo, permitindo que sociedades adotem e adaptem elementos de outras culturas, contribuindo para a evolução das próprias práticas esportivas. No esporte, essa troca é evidente quando modalidades estrangeiras são introduzidas e adaptadas ao contexto local, resultando em novas formas de prática e entendimento do esporte.

A preservação da cultura não deve ser esquecida. Mesmo ao adaptar novos elementos culturais, é indispensável manter e valorizar os aspectos únicos da cultura original. No caso do esporte, isso pode significar a incorporação de novas modalidades de uma maneira que respeite e realce a identidade cultural local. Por exemplo, a prática de esportes tradicionais pode ser mantida e promovida ao lado das novas modalidades, garantindo que a herança cultural não se perca.

A ideia de integração pessoal e a caminhada em direção à paz interior, social e ambiental se alinham com a visão de um mundo onde culturas diversas coexistem e se enriquecem mutuamente. A paz, em todas as suas dimensões, é apresentada como um objetivo a ser alcançado por meio de uma conduta ética que respeita e valoriza a diversidade cultural.

Diante de toda essa transformação sociocultural se tornou necessário existir um estudo relacionado a essa diversidade cultural de modo a levar a um maior conhecimento e entendimento dessas distintas realidades. Mediante tais pluralidades apresentadas em todas as regiões foi que surgiu a ciência antropológica e segundo Soares, apontam para os seguintes olhares, conforme salienta o autor:

“A ciência antropológica nasce inicialmente do confronto entre culturas diferentes, não objetivamente, mas como um campo aberto que consolidar-se-ia, nos anos finais do séc XVIII. Podemos afirmar que nasceu do confronto de

culturas porque é neste momento que homem procura os fundamentos da sua humanidade, descobre que cultura na qual nasceu e se desenvolveu a partir de cada ato seu, não é sua". (Soares, 2001, p.27).

A troca cultural no esporte é uma fonte de enriquecimento e evolução, mas deve ser acompanhada pela preservação das identidades culturais locais. A integração e a busca pela paz estão profundamente conectadas à forma como lidamos com a diversidade cultural, promovendo uma convivência harmoniosa e enriquecedora.

.A diversidade cultural e corporal no esporte

A sociedade se organiza e com sua evolução a sociologia segue como a ciência que estuda o comportamento humano e os fenômenos que nela ocorrem, sejam eles culturais, econômicos ou religiosos. Dentre esses fenômenos, o esporte está inserido na vida das comunidades e ocupa espaço de destaque em qualquer sociedade, sendo responsável por uma vertente da educação onde a saúde é beneficiada com as práticas esportivas. O esporte também se evidencia na sociedade como um elemento de disputa nas grandes competições olímpicas, ampliando a visão de atletas que sonham com a vitória e a consagração através de suas performances. O fenômeno esportivo ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas, sejam crianças, jovens, adultos e idosos, repercutindo sob a influência dos eventos esportivos divulgados pela mídia e a identificação com ídolos.

Para Tubino (2010), "Num mundo de constantes mudanças, a atualização de informações e referências tornou-se cada vez mais imperativa. O mesmo processo ocorre nos fatos e campos sociais, pois a necessidade de mudanças / inovações nos papéis dos diferentes segmentos da sociedade marginaliza as pessoas e instituições que não acompanham as renovações de percepções e concepções" (Tubino, 2010 p.39).

Sendo cada vez mais influente na vida de comunidades e espaços sociais que buscam ocupar tempo, descobrir "talentos", melhorar a qualidade de vida, ou ainda, o sonho de despontar com uma profissão de destaque que seja muito rentável, levando muitos jovens a sonharem com seu dia de glória no esporte, como é o caso dos esportes que pagam fortunas a seus ídolos. A exemplo disto podemos citar o futebol, o automobilismo, o boxe, o tênis de quadra, o surf, dentre alguns esportes profissionalizantes.

Ao considerar que o esporte é universal, podendo ser praticado em qualquer lugar do mundo, envolvendo classes sociais heterogêneas, promovendo a interação, cooperação,

disciplina, e responsabilidade, a criatividade, transmissão de valores e socialização. Além de sua comprovada eficiência na educação de nossas crianças, nos leva a comprovar como uma potente manifestação de troca cultural e socialização.

Tubino (2010) ainda justifica que ao atender as novas perspectivas da sociedade brasileira em relação ao esporte expõe que: “O campo social do Esporte não poderia ser diferente, principalmente pela forte ação constante da mídia a exigir e a expor os fatos esportivos. Mesmo os fatos esportivos ligados à Educação e ao Lazer, estas manifestações, ligadas sistematicamente ao Esporte de Desempenho, também vão recebendo novos aspectos e entendimentos renovados consequentes” (Tubino, 2010, p. 39).

Reconhecer no esporte uma ferramenta de educação, cultura, socialização, inclusão, e território de igualdade, nos leva a enxergar a diversidade que este agente promove e impulsiona no seu principal preceito esportivo; o *Fair Play*⁶, a equidade, o tratamento imparcial, as práticas que norteiam o universo do esporte, e nos conduz a acreditar por um momento que somos parte de um mundo justo. Se manifestando de todas as formas, seja num festival esportivo escolar, numa rua de lazer, ou na Copa do Mundo de Futebol, o esporte vem dominando uma grande comunidade que se manifesta de forma diferente sobre variados conceitos, criando uma vasta e diversa forma de se disponibilizar na sua prática.

As alterações no seu sentido se dão pela interpretação dos participantes, que deriva de suas características socioculturais. Dessa forma, a prática é transformada e caracterizada de acordo com os sujeitos envolvidos e o ambiente em que ela ocorre” efeito de apropriação” (Bourdieu, 1990).

Tubino (2010) explica que, “das diversas percepções nacionais da exposição de formas que, de fato, expressaram a apresentação do direito ao Esporte, foi possível extrair-se, por comparação e até por consenso, que o esporte nos meios educativos, o Esporte nos meios populares e comunitários e o Esporte institucionalizado abrange todas as possíveis práticas esportivas” (Tubino, 2010, p.42).

As manifestações do esporte são norteadas por duas categorias que fazem sua composição, no sentido da prática é concedido de acordo com as intenções e o contexto em que ela ocorre. Já as modalidades são as atividades realizadas sob um caráter esportivo, possuindo regras e normas próprias, muitas vezes controladas por órgãos reguladores, Associações,

⁶ Fair play significa **jogo limpo** ou **jogo justo**. É um conceito que valoriza a **ética, respeito e honestidade** nas competições esportivas. No esporte, o fair play incentiva os atletas a competirem de maneira leal, sem trapaças ou atitudes antidesportivas.

Federações, Confederações, Ligas e outros. Toda atividade esportiva se molda a partir de determinada modalidade, o que irá definir os valores que poderão ser transmitidos (Marques *et al.* 2006).

A elasticidade semântica pode ser justificada de acordo com a influência de três premissas básicas (Bourdieu, 1983) que interferem nas ações dos sujeitos: a) o conhecimento praxiológico⁷, aquele se oferece no dia a dia de forma empírica; b) a noção de habitus, sistema de conhecimento do sujeito que se dá a partir das vivências do meio social; c) o conceito de campo, local físico das relações humanas onde se encontram todo o saber construído pelo grupo social. Essas variáveis permitem identificar as diferentes formas de interpretar o que consiste vertente da educação onde a saúde é beneficiada com as práticas esportivas. O esporte também se evidencia na sociedade como um elemento de disputa nas grandes competições olímpicas, ampliando a visão de atletas que sonham com a vitória e a consagração através de suas performances. O fenômeno esportivo ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas, sejam crianças, jovens, adultos e idosos, repercutindo sob a influência dos eventos esportivos divulgados pela mídia e a identificação com ídolos.

Para Tubino (2010), “Num mundo de constantes mudanças, a atualização de informações e referências tornou-se cada vez mais imperativa. O mesmo processo ocorre nos fatos e campos sociais, pois a necessidade de mudanças / inovações nos papéis dos diferentes segmentos da sociedade marginaliza as pessoas e instituições que não acompanham as renovações de percepções e concepções” (Tubino, 2010 p.39).

Sendo cada vez mais influente na vida de comunidades e espaços sociais que buscam ocupar tempo, descobrir “talentos”, melhorar a qualidade de vida, ou ainda, o sonho de despontar com uma profissão de destaque que seja muito rentável, levando muitos jovens a sonharem com seu dia de glória no esporte, como é o caso dos esportes que pagam fortunas a seus ídolos. A exemplo disto podemos citar o futebol, o automobilismo, o boxe, o tênis de quadra, o surf, dentre alguns esportes profissionalizantes.

Ao considerar que o esporte é universal, podendo ser praticado em qualquer lugar do mundo, envolvendo classes sociais heterogêneas, promovendo a interação, cooperação, disciplina, e responsabilidade, a criatividade, transmissão de valores e socialização. Além de

⁷ O conhecimento praxiológico é uma abordagem teórica desenvolvida por Pierre Bourdieu que busca integrar elementos do objetivismo e do subjetivismo na análise das práticas sociais. Ele se baseia na ideia de que os agentes sociais não apenas reproduzem estruturas sociais, mas também as transformam por meio de suas ações e interações.

sua comprovada eficiência na educação de nossas crianças, nos leva a comprovar como uma potente manifestação de troca cultural e socialização.

Tubino (2010) ainda justifica que ao atender as novas perspectivas da sociedade brasileira em relação ao esporte expõe que: “O campo social do Esporte não poderia ser diferente, principalmente pela forte ação constante da mídia a exigir e a expor os fatos esportivos. Mesmo os fatos esportivos ligados à Educação e ao Lazer, estas manifestações, ligadas sistematicamente ao Esporte de Desempenho, também vão recebendo novos aspectos e entendimentos renovados consequentes” (Tubino, 2010, p. 39).

O esporte é um agente social e cultural que transcende barreiras e dá voz às pessoas, permitindo uma socialização mais ampla, quebrando preconceitos e promovendo a igualdade. Cada cultura expressa seu próprio significado através do movimento corporal, este corpo é moldado pelas visões de mundo de diferentes formas. Cada movimento corporal carrega significados contextuais e valores culturais.

A diversidade de práticas corporais é vasta e não se limita ao plano biológico. Diversas sociedades e civilizações contribuíram para essa riqueza de técnicas e expressões físicas. A representação do corpo humano nos esportes tem evoluído ao longo do tempo, e hoje em dia, atletas de diferentes biótipos desafiam padrões hegemônicos tradicionais de beleza e saúde. O esporte assume uma linguagem universal, unindo pessoas de todas as origens, independentemente de fronteiras geográficas ou culturais. Para Le Breton (2007), uma das funções do corpo, entre outras, é de aprendizado durante toda a vida, segundo o autor,:

O corpo existe na totalidade dos elementos que o compõem graças ao efeito conjugado de educação recebida e das identificações que levaram o ator a assimilar os comportamentos de seu círculo social. Mas, a aprendizagem das modalidades corporais, da relação do indivíduo com o mundo, não está limitada à infância e continua durante toda a vida conforme as modificações sociais e culturais que se impõem ao estilo de vida, aos diferentes papéis que convém assumir no curso da existência (Le Breton, 2007, p. 9).

Então a expressão corporal pode ser moldada socialmente, mesmo sendo vivida com o meio social particular do indivíduo, outros estímulos podem contribuir para modular os contornos de seu universo e a dar ao corpo o contorno social que necessita, com possibilidade de construir-se inteiramente como ator do grupo ao qual pertence. Dentro de sua comunidade de pertencimento, cada gesto tem significado virtual aos olhos de outros integrantes da mesma comunidade. Esse sentido simbólico passa a ser percebido quando está ligado ao conjunto de dados dos códigos do grupo social.

A padronização de corpos tem sido debatida nas redes sociais e na mídia, onde se considera um tema importante e muito atual, sendo sempre questionado pelos vários olhares que se lançam sobre estética, beleza, e as tradições que em alguns esportes são cobrados. Porém, é importante lembrar sempre que, um corpo saudável não é sinônimo de barriga chapada e musculatura definida ou hipertrofiada. Que padrões corporais são quebrados com frequência, e o que permanece valendo é o bem-estar do atleta, e o seu desempenho no esporte com o corpo que tem.

O corpo diferente do padrão gera impacto, muitas vezes negativo e sem chance de defesa, quando atinge o objetivo estará menos sujeito a críticas, porém, se não contemplar as expectativas de resultados, logo será o único culpado por uma possível derrota, ou ainda, simplesmente por não atender às expectativas estéticas. Quando alcançar a vitória, não será elogiado por estar fora de padrões, mas por sua técnica ou boa atuação. A regra será sempre seguir um padrão de estética vigente.

Portanto, seguir essas regras no esporte é ser desafiado pelo seu orgulho, que implica em mudar essas representações gradualmente, e quebrar paradigmas, promovendo através da diversidade, aceitação e orgulho em relação ao seu corpo.

Os diversos aspectos pelos quais se dá luz a esse sujeito representam percepções variadas sobre o corpo. Para Corbin, Courtine e Vigarello (2010), Foucault compreende o corpo como alvo do poder, sendo normalizado e retificado. Correção essa que também conduz a consciência à sua normalização, ou seja, aquilo que deve ser seguido, pelos sujeitos ideais.

As explicações de Foucault sobre o jogo em meio a repressão e liberdade isso quer dizer que as inquietações sobre o corpo se dão de modo perspicaz e contínuo, diferentemente das práticas de violência no início da modernidade. De acordo com Vigarello (2010) essa ambiguidade entendida por Foucault entre a sujeição e a libertação denota a concepção moderna de corpo.

Para Soares⁸ (2017), a compreensão do corpo nas sociedades indígenas, é o olhar do “outro” e que por isso, o seu ponto de partida é o seu lugar de origem. E neste lugar de origem é dito em primeiro lugar que, é ideia geral, divulgada pelos investigadores, que o corpo, na

⁸Artemis de Araújo Soares é uma professora titular da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Ela tem uma trajetória acadêmica destacada, com graduação em Educação Física e Letras pela UFAM, mestrado pela Universidade de São Paulo (USP) e doutorado em Ciências do Desporto pela Universidade do Porto.

cultura europeia tradicional sempre ocupou um lugar subordinado, seja nos sistemas de valor religioso, moral ou social, Segundo Soares; Teixeira (2017)

[...] Ou, dito de outra forma, pode-se dizer que as tarefas foram distribuídas, os lugares ocupados, e nesta divisão e ocupação teórica ao espírito foram oferecidas as tarefas consideradas nobres, próprias ao que se pensa pertencerem ao reino da sabedoria, bondade e pureza; ao corpo, habitante espacial, o reino da matéria, o que se considera impuro, espúrio, mal. Talvez o homem ao olhar para o seu corpo, suscetível à contingência; ao sentir os seus odores (não lhe agradou o que chegou às suas narinas: os banhos , os óleos, e os unguentos gregos , são disto exemplo), compreendeu a sua fragilidade, reconheceu a sua insignificância diante da imensidão a sua volta, e impotência frente ao inexplicável, e almejando o conhecimento absoluto, a eternidade valorizou o que não conhecia, entregando-se as quimeras e ficções do desconhecido, do além-mundo, de um espírito absoluto do qual apenas tem a ideia e sobre o qual faz as suas conjecturas.(Soares; Teixeira, p. 17, 2017).

A ideia de subjetivação ao criar formas de interação e comunicação, influenciando na forma como nos conectamos. Para a percepção indígena o corpo é integrante do meio, da natureza, da floresta, do rio, dos animais que lá habitam. Portanto, não se faz distinção ao corpo do seu espírito, pois nele se perpetua o mundo. Nesta concepção ele se torna a própria natureza, por esse motivo sua habitação é o meio e o corpo, preservado como o seu habitat, tornando assim sua existência, um guardião de tudo que é próprio à sua volta com liberdade. Diferente da cultura ocidental, essa compreensão muda de significado, pois o corpo é visto como separado do espírito, onde o padecimento se julga necessário e faz parte do que este corpo supõe conhecer do que lhe é omitido.

A evolução esportiva depende do crescimento das modalidades, novas formas de praticar uma modalidade são consideradas como avanços nas técnicas e nas abordagens com seu público.

Verificar que numa modalidade toda cultura pode ser representada de forma corporal, significa aumentar seu alcance, seu território de ação, seu público de admiradores, seus patrocinadores e praticantes. A busca por corpos que querem ser treinados sempre irá definir como o esporte vai evoluir, na técnica, na estratégia, nos seus códigos de comportamento, que modulam as práticas esportivas.

A heterogeneidade nesses corpos é o convite a novos adeptos, que se sentem representados nas suas diferenças, mudando percepções sobre modalidades que procuram avançar nas suas práticas buscando mais possibilidades de alcance, sendo visibilizadas por todas as culturas que queiram agregar sua participação. As adaptações serão feitas, e as exigências podem ser moduladas de acordo com o praticante.

A identificação de atletas com habilidades para o esporte deve ser independente da sua

aparência, onde os testes que excluem o atleta, serão somente aplicados nas capacidades físicas e habilidades motoras. Essa metodologia vai obrigar a mudanças personalizadas, onde outros sistemas podem surgir, com mais perspectivas de evolução para o esporte, além de promover sua disseminação.

Para explicar como podemos definir a fusão cultural de um esporte que tem sua própria identidade, Augé (2005) nos diz que,

Dizer que, sob certos aspectos e certos contextos, cultura e individualidade se podem definir como expressões recíprocas uma da outra é uma trivialidade, e em todo caso um lugar comum, do qual nos servimos para dizer, por exemplo, que fulano ou sicrano é realmente bretão, inglês, *auvergnat* ou alemão. O fato de as reações das individualidades pretensamente livres poderem ser apreendidas e até mesmo previstas, a partir de amostras estatisticamente significativas, também não nos surpreende. Simplesmente, aprendemos em paralelo a duvidar das identidades absolutas, simples e substanciais, tanto no plano coletivo como no individual. As culturas “trabalham” como a madeira verde, e nunca constituem totalidades acabadas (por razões extrínsecas e intrínsecas); e os indivíduos por mais simples que o imaginemos, nunca o são tanto que não se situem por referência a ordem que lhes

atribui um lugar: é só de certa perspectiva que exprimem a totalidade (Augé, 2005, p. 22-23).

Sob determinados contextos e alguns aspectos, cultura e individualidade podem ser vistas como reflexos mútuos, o que é frequentemente considerado um clichê. Utilizamos essa ideia para afirmar, por exemplo, que alguém é realmente de um determinado lugar. O fato de que as reações de indivíduos aparentemente livres podem ser previstas a partir de amostras estatisticamente significativas não nos surpreende.

Isso nos leva a questionar identidades absolutas, simples e substanciais, tanto em termos coletivos quanto individuais. As culturas se desenvolvem como a madeira verde, nunca sendo completamente acabadas; e indivíduos, por mais simples que pareçam, sempre se referem a uma ordem que lhes atribui um lugar específico, refletindo uma totalidade apenas de uma visão particular

Para um esporte alcançar seu ápice de qualidade e destaque social, precisa que a quantidade de praticantes seja relevante e expressiva. Sua popularidade deve chegar aos cinco cantos do mundo mostrando sua diversidade e possibilidade como prática esportiva. Isso requer romper as barreiras culturais e agregar novas formas de ser apresentado a qualquer público, qualquer cultura, qualquer território, multiplicando seu alcance.

Atletas considerados fora do padrão precisam resistir aos preconceitos e a patologização para criar no esporte, novas formas de ser praticado e apreciado por um público que se identifique com todos os corpos possíveis na sua prática. A diversidade de corpos no esporte

envolve reconhecer a alteridade, promover a inclusão e a saúde física e mental de todos os atletas.

A chegada da GR no Amazonas aconteceu em 1973, que, como todo esporte em desenvolvimento, segue na busca de novos praticantes para poder evoluir como um futuro esporte olímpico. A Ginástica Rítmica Desportiva, como era conhecida nesta época (1973), começa a ser praticada em Manaus de forma ainda escolar e básica, mas preparando seus atletas para a participação em competições nacionais.

●A Ginástica como fato social no Amazonas

Durkheim define o fato social como um conceito da sociologia que diz respeito ao conjunto de hábitos e formas de agir e pensar dos indivíduos numa sociedade, o que podemos chamar de padrão de comportamento, o que se expressa em regras, valores e normas sociais. O sociólogo nos diz que:” mas, mais convincente ainda que as considerações precedentes, é a própria prática dos fatos sociais. Onde reina o finalismo, reina também uma maior ou menor contingência, pois não há fins, e ainda menos meios, que se imponham necessariamente a todos os homens, mesmo supondo-os colocados nas mesmas circunstâncias” (Durkheim, E.2001 p. 121).

Os fatos sociais exercem uma pressão coercitiva sobre os indivíduos, mas essa imposição não é absoluta. Ela pode variar conforme as circunstâncias e contextos em que os indivíduos se encontram. Embora os fatos sociais sejam padrões de comportamento e pensamento que existem fora dos indivíduos, eles não são inflexíveis. Há uma certa margem de variação e contingência, o que permite que diferentes grupos ou sociedades tenham suas próprias normas e regras, por consequência, a importância da prática dos fatos sociais. concretamente nas ações e interações dos indivíduos numa sociedade.

Mesmo que exista uma ideia de finalidade nos fatos sociais, eles precisam se adaptar à realidade e variações da vida social. Isso reflete a capacidade das normas e regras sociais em evoluírem e se moldarem conforme as necessidades e circunstâncias dos indivíduos. Em Manaus, essa modalidade chega na década de 1970, pelas mãos da professora Artemis Soares²⁰, motivada pela nova modalidade que surgia no Brasil, e se apresentava como um desporto promissor nas práticas desportivas. Teve esta influência da amiga Daisy com que partilhou alguns campeonatos e principalmente troca de vivências sobre este esporte. E assim conseguiu alavancar esta modalidade a vislumbrar o pódio por vezes retirando o melhor que tinha em suas atletas.

Trazer para Manaus a ginástica foi o pensamento do coletivo como acontecimento social, e ainda, proporcionar uma experiência que já acontecia em outros estados seguindo a característica da generalidade, exterioridade e coercitividade defendida por Durkheim, e respondendo ao seu questionamento sobre o coletivo.

Durkheim (1983) argumenta que a sociedade, com suas normas e valores, precede o indivíduo e exerce uma influência significativa sobre ele. A introdução de uma nova modalidade esportiva em Manaus pode ser vista como um fenômeno social que impõe novas visões e práticas aos indivíduos. Essa nova modalidade não apenas traz uma nova atividade física, mas também novas maneiras de interagir, competir e cooperar.

A nova modalidade esportiva implantada na cidade de Manaus pode ser considerada um "fato social" no sentido durkheimiano, pois representa uma nova norma que os indivíduos devem aprender e internalizar. Isso inclui regras do jogo, ética esportiva, e até mesmo o impacto social da participação em atividades coletivas. Esse fato social se torna um objeto de estudo para entender como a sociedade molda o comportamento dos indivíduos, e neste o comportamento esportivo e como os indivíduos respondem a essas novas normas.

Para o autor, a ciência das sociedades nos mostra que desafiar os preconceitos tradicionais e oferecer novas maneiras de ver a realidade são rupturas naturais no processo de acomodação das coisas ditas como novas. A introdução de uma nova modalidade esportiva pode inicialmente desconcertar opiniões e práticas esportivas consolidadas e herdadas, mas, ao mesmo tempo, proporciona uma oportunidade de inovação e descoberta. Ela incentiva a sociedade a repensar e, não se pode afirmar se positivamente, pois, ao longo do processo é que se encontrará a redefinir de suas relações sendo estes o esporte e a atividade física. Isso significa que os fatos sociais não são apenas teóricos ou abstratos, mas se manifestam concretamente nas ações e interações dos indivíduos numa sociedade.

Mesmo que exista uma ideia de finalidade nos fatos sociais, eles precisam se adaptar à realidade e variações da vida social. Isso reflete a capacidade das normas e regras sociais em evoluírem e se moldarem conforme as necessidades e circunstâncias dos indivíduos. Em Manaus, essa modalidade chega na década de 1970, pelas mãos da professora Artemis Soares²⁰, motivada pela nova modalidade que surgia no Brasil, e se apresentava como um desporto promissor nas práticas desportivas. Teve esta influência da amiga Daisy com que partilhou alguns campeonatos e principalmente troca de vivências sobre este esporte. E assim conseguiu alavancar esta modalidade a vislumbrar o pódio por vezes retirando o melhor que tinha em suas atletas.

Trazer para Manaus a ginástica foi o pensamento do coletivo como acontecimento social, e ainda, proporcionar uma experiência que já acontecia em outros estados seguindo a característica da generalidade, exterioridade e coercitividade defendida por Durkheim, e respondendo ao seu questionamento sobre o coletivo.

Durkheim (1983) argumenta que a sociedade, com suas normas e valores, precede o indivíduo e exerce uma influência significativa sobre ele. A introdução de uma nova modalidade esportiva em Manaus pode ser vista como um fenômeno social que impõe novas visões e práticas aos indivíduos. Essa nova modalidade não apenas traz uma nova atividade física, mas também novas maneiras de interagir, competir e cooperar.

A nova modalidade esportiva implantada na cidade de Manaus pode ser considerada um "fato social" no sentido durkheimiano, pois representa uma nova norma que os indivíduos devem aprender e internalizar. Isso inclui regras do jogo, ética esportiva, e até mesmo o impacto social da participação em atividades coletivas. Esse fato social se torna um objeto de estudo para entender como a sociedade molda o comportamento dos indivíduos, e neste o comportamento esportivo e como os indivíduos respondem a essas novas normas.

Para o autor, a ciência das sociedades nos mostra que desafiar os preconceitos tradicionais e oferecer novas maneiras de ver a realidade são rupturas naturais no processo de acomodação das coisas ditas como novas. A introdução de uma nova modalidade esportiva pode inicialmente desconcertar opiniões e práticas esportivas consolidadas e herdadas, mas, ao mesmo tempo, proporciona uma oportunidade de inovação e descoberta. Ela incentiva a sociedade a repensar e, não se pode afirmar se positivamente, pois, ao longo do processo é que se encontrará a redefinir de suas relações sendo estes o esporte e a atividade física.

Com a chegada de nova modalidade esportiva, a sociedade em Manauara tem a oportunidade de expandir suas práticas corporais e enriquecer sua cultura esportiva. Essa expansão não apenas diversifica as atividades disponíveis, mas também promove a inclusão de diferentes grupos sociais, estimulando uma maior integração e coesão social. Apesar de este não ser o objeto a princípio.

Assim como a ciência faz descobertas que desafiam as aparências vulgares e as opiniões herdadas, a introdução de um novo esporte pode abrir os olhos das pessoas para novas possibilidades e experiências, promovendo uma mudança na percepção e novos paradigmas sobre o que o corpo, suas possibilidades e assim a aceitação cultural diversa.

Em Manaus, atualmente não existem escolas públicas que desenvolvam a modalidade

da ginástica rítmica, deixando essa tarefa na responsabilidade das escolas privadas, que possuem espaços com condições de oferecer a ginástica no seu leque de opções esportivas. Nas últimas 3 décadas, a principal responsável por fazer essa oferta da modalidade de forma gratuita na cidade, foi a Vila Olímpica de Manaus, local que oferece dois projetos sociais para quem deseja começar essa modalidade.

Em se tratando de ginástica rítmica, nas escolinhas de iniciação esportiva da Vila Olímpica, desde 1987, é feito o processo de iniciação esportiva e descoberta de talentos, no qual a aluna que deseja seguir na carreira esportiva passa a pertencer a um clube local, desenvolvendo sua aptidão para o esporte, e se preparando para seguir, se quiser, em treinamento e competições.

Como em todo começo de uma nova vivência escolhida, a carreira de um atleta é cercada de otimismo e muito incentivo da família, onde as expectativas ainda se norteiam pelos exemplos de atletas vencedores, destacados nos seus projetos esportivos que servem de referência para iniciantes. Isso é comum no início, quando ainda existe pouca cobrança, e os anseios são mais maleáveis com os resultados..

Em suas pesquisas sobre as técnicas do corpo, Mauss (1950), nos relata um vasto repertório de formas diferenciadas de se desenvolver técnicas e habilidades corporais. Le Breton aprofunda essa teoria unindo a sociologia como eixo condutor das experiências vividas. conquistas dessas ginastas, que podem servir de motivação para superarem seus próprios obstáculos. Absorver valores e comportamentos, como disciplina, perseverança e ética de trabalho, ganhando orientação e exemplos práticos de como evoluir e lidar com os desafios do esporte.

Sendo assim as ginastas mais experientes sentem-se valorizadas por serem modelos e podem refletir sobre suas próprias jornadas, reforçando sua identidade. Portanto, a experiência corporal das ginastas mais antigas se torna um legado vivo, que ajuda a moldar as próximas gerações, criando um ciclo contínuo de aprendizado e evolução no esporte.

O esporte como memória comunitária precisa de exercício constante para se consolidar e evoluir nos espaços sociais, se entrelaçando à cultura de movimentos que será repassada para novas gerações que a utilizam como parte de suas tradições gestuais.

Essa linguagem onde o corpo mais jovem tem uma referência de um corpo mais experiente para se espelhar, facilita o aprendizado de novos exercícios, cria também uma disciplina no comportamento de jovens ginastas que ao ver as mais antigas se dedicando com

mais seriedade nos treinos, molda um comportamento de responsabilidade e respeito com o seu próprio trabalho. Sobre as percepções sensoriais, Le Breton (2006), aborda que:

De fato, o corpo quando encarna o homem é a marca do indivíduo, a fronteira, o limite que, de alguma forma o distingue dos outros. Na medida em que se ampliam os laços sociais, provedora de significações e valores, o corpo é o traço mais visível do ator. Segundo as palavras de Durkheim, o corpo é um fator de “individualização”. O lugar e o tempo do limite, da separação. Como a crise da legitimidade torna a relação com um mundo incerto, o ator procura, tateando suas marcas, empenhar-se por produzir um sentimento de identidade mais favorável (Le Breton, 2006, p. 10-11).

Le Breton (2006) e Durkheim nos mostram que o corpo é um elemento de individualização, que distingue o indivíduo dos outros, especialmente em contextos sociais. Ginastas mais velhas, que já passaram por diversas experiências, possuem corpos que carregam marcas e histórias de suas jornadas atléticas. Essas marcas físicas e experiências vividas podem servir como referência e inspiração para ginastas mais jovens.

Para essas ginastas, observar e aprender com as ginastas mais velhas pode ser uma forma de se identificar e projetar seu próprio desenvolvimento. Aprender movimentos e técnicas aprimoradas através das vivências práticas das mais experientes e entender os desafios e conquistas dessas ginastas, que podem servir de motivação para superarem seus próprios obstáculos.

.A trajetória esportiva na Ginástica Rítmica em Manaus

Para que a sociedade amazonense pudesse conhecer a nova modalidade, houve um processo de adaptação que despertou o interesse pela recente prática esportiva, iniciada na década de 1970, mais precisamente em 1973. As percepções das ginastas serão descritas pelas próprias protagonistas dessa diligência.

Para Le Breton, “Em sociedades que permanecem relativamente tradicionais, o “corpo” é o elemento da energia coletiva e, através dele, cada homem é incluído no seio do grupo. Ao contrário, em sociedades individualistas, o corpo é o elemento que interrompe, que marca os limites da pessoa, isto é, lá onde começa e acaba a presença do indivíduo” (Le Breton, 2007, p. 30). O autor destaca a dualidade da importância do corpo em diferentes tipos de sociedades. Em sociedades tradicionais, o corpo atua como um símbolo de unidade e energia coletiva, onde cada indivíduo é integrado ao grupo por meio dele. Já em sociedades individualistas, o corpo delimita a identidade pessoal, marcando os limites do indivíduo.

No que se refere às ginastas amazonenses, considerando especialmente o início da prática da ginástica como uma nova modalidade esportiva, podemos perceber um processo de construção de identidade corporal que reflete ambas as perspectivas. Por um lado, as ginastas são parte de um coletivo, desenvolvendo uma identidade comum através da disciplina, técnica e estética próprias do esporte. Treinamentos, competições e apresentações tornam-se momentos de expressão da energia coletiva, onde o corpo é a principal ferramenta de inclusão e reconhecimento dentro do grupo esportivo.

Por outro lado, a prática da ginástica também permite que cada atleta desenvolva uma identidade corporal individual, baseada em suas habilidades, estilo e interpretações pessoais dos movimentos. Neste sentido, a ginástica favorece a emergência de características únicas que definem e distinguem cada ginasta das demais, alinhando-se à visão de sociedades individualistas. Assim, a prática da ginástica pelas ginastas amazonenses ilustra como o corpo pode ser simultaneamente um elo de coesão social e um veículo de afirmação individual. A modalidade proporciona uma plataforma onde a identidade coletiva e individual se intersecciona, promovendo tanto a integração no grupo quanto a expressão pessoal.

Para Soares e Teixeira, (2017), quando uma determinada sociedade é objeto de estudo, “uma das primeiras coisas que nos chama atenção é a atuação formadora que as categorias coletivas de uma sociedade exercem sobre a organização e práticas concretas desta. É necessário muito desprendimento para aceitar que assim se consolida esta sociedade, dado que não é esta a formação da sociedade em que nascemos e na qual construímos o nosso pensamento.” (Soares, A. Teixeira, N. 2017, p.75).

Apontar a necessidade de desprendimento para compreender e aceitar que a sociedade é formada por essas categorias coletivas, especialmente quando essas categorias diferem das da sociedade em que nascemos e desenvolvemos nosso pensamento. Isso implica a importância de uma perspectiva reflexiva e crítica ao estudar diferentes sociedades.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A., FERREIRA, J., & VIEGAS, M. **Dinâmicas Culturais e Processos de Adaptação**. Editora ABC, 2000.
- AUGÈ, Marc. **Não-Lugares**: introdução a uma antropologia sobre a modernidade. Tradução Miguel Pereira, Lisboa: 90 Graus Editora, 2005.

BATISTA, Djalma. **O Complexo da Amazônia: análise do processo de desenvolvimento.** 2 ed. Manaus: Ed. Valer, Edua e Inpa, 2007, 408 p.

BOURDIEU, P. (1983). **Como se pode ser esportivo?** In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Editora Bertrand Brasil. S.A. Rio de Janeiro RJ, 1989.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico.** Tradução de Margarida Garrido. In: DURKHEIM, E. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

LE BRETON, David. **Antropologia do Corpo.** 4ª Ed. São Paulo: Vozes, 2003.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade.** Tradução Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papirus, 2003.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** Ed. Ubu, 1950.

NEIRA, Marcos Garcia. O currículo cultural da Educação Física: pressupostos, princípios e orientações didáticas. Revista e-Curriculum.v 16, n 1, p-28, 1 abr. 2018. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/27374>. Acesso em 13/01/2025.

PATRÍCIO, M. F. **A identidade nacional num mundo intercultural: povos e culturas.** Lisboa: Porto Editora, 2009. p. 93-128.

PATRÍCIO, M.F. **A Cultura em Transformação:** Lisboa: Editora XYZ, 2009.

PATRÍCIO, M.F. (2002). **Globalização e diversidade: a escola cultural, uma resposta.** Lisboa: Porto Editora

PINTO, Renan Freitas. **A viagem das ideias,** 2ª edição/ Renan Freitas Pinto. - Manaus: Editora Valer, 2008.

SARAIVA, José Flávio Sombra (Org.). **História das Relações Internacionais Contemporâneas – da sociedade Internacional do século XIX à era da globalização.** 2ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2007.

SILVA Marilene Corrêa. **O Paiz do Amazonas.** / Marilene Corrêa da Silva. 4 ed.-Manaus: Editora valer, 2923

SILVA, Marilene Corrêa. **Metamorfose da Amazônia.** / Marilene Corrêa. @ª edição. - Manaus: Editora Valer, 2013.

SOARES Artemis; BARROS Daisy. **Ginástica Rítmica.** 1ª ed. São Paulo: Valer, 2017.

SOARES, Artemis, TEIXEIRA, Neiza. **Corpo Olhares Diversos.** Manaus: EDUA, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2016.

SOARES, Artemis de Araújo. **O corpo na ritualística Tikuna.** / Artemis de Araújo Soares. Manaus: Edua, 2014.

SOARES, Artemis, PAIXÃO, Shigeaki, BACELAR, Ghislaine: **Corpo, Sociedade e Extensões**. São Paulo: Alexa Cultural, Manaus: EDUA, 2020.

TUBINO, Manoel. **O que é esporte: uma enciclopédia crítica**. 2. Ed. Vol. 276. São Paulo: Brasiliense, 1999.

TUBINO, Manuel. *O que é o esporte*. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasil, 1992.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-
educação**/ Manoel Tubino. Maringá: Eduem, 2010.

: ênfase no esporte- educação/ Manoel Tubino. Maringá: Eduem, 2010.

